A PRUDÊNCIA E A DECÊNCIA: O SABER CIENTÍFICO EM BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Daiza Gabrielle Correa Leal [1]

João Batista Monteiro Camargo [2]

Resumo:

A racionalidade parece ter contribuído de forma significativa para a emancipação humana, e muito se discute sobre o caráter libertador do conhecimento e sobre a sua função social. Em especial, este estudo buscou compreender a percepção do filósofo Boaventura de Sousa Santos a respeito da ciência e da forma como ela se relaciona com outros saberes que não foram produzidos pela academia. Para tanto, optou-se por uma pesquisa bibliográfica que contemplasse as obras do autor. No fim, verificou-se que existe um paradigma visto como dominante, pois ele desconsidera todo conhecimento que não aderiu aos seus critérios de validade. Além disso, esse modelo totalitário adota uma percepção dualista de mundo. Também, constatou-se que, para o autor, existe um paradigma emergente que se coloca como uma alternativa a essa visão fragmentária da realidade. Por meio de uma ecologia de saberes, seria viável legitimar outras expressões da racionalidade humana e fomentar a emancipação.

Palavras-chave: Paradigma emergente, paradigma dominante, Boaventura de Sousa Santos, ciência

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

A PRUDÊNCIA E A DECÊNCIA: O SABER CIENTÍFICO EM BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

[1] Aluno de graduação. dgleal@alunos.unipampa.edu.br. Autor principal

[2] Docente. joaocamargo@unipampa.edu.br. Orientador

A PRUDÊNCIA E A DECÊNCIA: O SABER CIENTÍFICO EM BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

1 INTRODUÇÃO

A racionalidade parece representar o meio mais eficaz de construção da emancipação humana, pois está relacionada com a capacidade de interpretar o mundo a ponto de nele interferir. Entre as diversas formas que ela pode assumir, tem recebido especial destaque o tipo de razão que constrói o conhecimento científico. A ciência tem reafirmado um papel libertador na medida em que se diz vinculada ao bem-estar das pessoas, porque combate doenças, facilita a comunicação e massifica o acesso aos bens.

Os cientistas estão voltados para produzir conhecimento que seja facilmente assimilado pela sociedade diante das expectativas a respeito do trabalho que eles desenvolvem. Entretanto, parece que ocorreu um distanciamento entre a função social do saber e a necessidade de corresponder aos interesses daqueles que têm acesso à pesquisa e aos resultados que ela pode proporcionar.

Considerando o caráter emancipatório do saber, é notável a preocupação em estimular o acesso à iniciação científica de alunos durante a graduação. Ainda assim, seria preciso inovar para democratizar a educação do país. Inovação significa romper com estruturas que continuam a existir no núcleo das instituições de ensino (CUNHA, 2016), cujo foco está em manter o saber científico como algo mais elitizado. Neste sentido, haveria uma espécie de valorização da ciência na sua formalidade, em prejuízo de sua função social.

É perceptível que o relacionamento entre os pesquisadores e a ciência parece pautado por uma relação mecanicista, ou seja, o ato de pesquisar está desvinculado da autocrítica e da busca pela felicidade das pessoas (SANTOS, 2008). De certa maneira, investigações teriam perdido o seu caráter renovador e prudente ao dar primazia a certeza em detrimento da dúvida.

Neste contexto, este estudo buscou compreender a percepção do filósofo Boaventura de Sousa Santos a respeito do saber científico, apontando como este autor percebe a ciência e de que forma ela se relaciona com outras formas de expressão humana. Para tanto, optou-se por discorrer sobre o denominado paradigma dominante e sobre a sua contraposição, o paradigma emergente.

2 METODOLOGIA

Entendeu-se pertinente a definição da pesquisa como bibliográfica. É vantajoso para o pesquisador empregá-la quando os dados que busca estudar estão dispersos (GIL, 2008, p. 50), ao mesmo tempo em que é possível alcançar uma maior gama de fenômenos. Além disso, pode-se empregar este método quando a intenção é responder uma pergunta de pesquisa *a partir* de investigações já publicadas (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 60-61, grifo nosso).

Também, classifica-se o estudo como exploratório, pois é o meio que permite maior familiaridade com o problema, aprofundando a investigação no que concerne a uma realidade específica (TRIVIÑOS, 1987, p. 109).

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Em Boaventura de Sousa Santos (2008), o conhecimento científico pode ser compreendido a partir de dois paradigmas: o dominante e o emergente. Segundo o autor, ambas as formas se relacionam intimamente com a maneira pela qual a sociedade e os

cientistas percebem o saber produzido no contexto da ciência. Mas, em contraposição, elas apresentam distinções claras no que concerne ao conteúdo dessa relação.

Quando se fala em paradigma dominante, se está fazendo referência a uma maneira de produzir saber surgida na revolução científica do século XVI, cujo fundamento era dominar a natureza para garantir maior conforto e qualidade de vida para o ser humano (SANTOS, 2008). Em outras palavras, a intenção era trazer realização e bem-estar ao homem.

Em que pese as conquistas e melhorias oriundas dessa finalidade, acusa o autor que este modelo se tornou dominante e totalitário, pois não aceitou o caráter racional presente em outras formas de interpretação que não respeitaram a sua ideia de regras e princípios metodológicos (SANTOS, 2008). Neste sentido, haveria um conjunto de procedimentos válidos para se produzir o conhecimento, mas que, em contraste, representaria a exclusão de tudo aquilo que não pudesse se encaixar em seus critérios de validade.

Além disso, o modelo dominante estaria pautado por uma visão dualista do mundo. Ciência verdadeira seria a que separa o sujeito do objeto, opta pela neutralidade, busca a certeza e dá preferência ao viés quantitativo em suas análises. O pensamento ocidental é abissal (SANTOS, 2007) na medida em que representa uma série de distinções que repartem a realidade social como se fossem um abismo: de um lado, existe; do outro lado, é inexiste, porque não é compreensível e nem relevante. A característica mais importante desse processo reside justamente nesta separação, pois seria inadequado aceitar duas interpretações como verídicas ao mesmo tempo.

Entretanto, a divisão do mundo segundo estes parâmetros ignora que a experiência social é muito mais ampla e variada do que a ciência e a filosofia ocidental costumam perceber (SANTOS, 2002). Portanto, é necessário repensar a racionalidade vigente para estabelecer uma ciência abrangente e dialógica, que se postule como uma das linguagens possíveis diante da complexidade que a realidade representa para o ser humano.

Neste contexto, o chamado paradigma emergente se apresenta como uma alternativa ao modelo hegemônico. Esclarece o autor que se trata de "um conhecimento prudente para uma vida decente" (SANTOS, 2008, p. 60), pois simboliza uma mudança na racionalidade científica e na sociedade. Neste modelo, o saber do pesquisador é visto como uma das maneiras de interpretar, estando aliado aos outros meios de perceber o mundo.

> O conhecimento do paradigma emergente tende a ser um conhecimento não-dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até pouco tempo considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa. (SANTOS, 2008, p. 64).

Ademais, o saber científico é local, porque passa a reconhecer a fragmentação e a particularização que representa, e é total, na medida em que se caracteriza como uma parte de um todo maior. Neste sentido, não haveria espaço para verdades absolutas, pois tudo o que o pesquisador produz pode representar uma transgressão dos parâmetros de validade. Logo, o que se espera é "[...] uma configuração de estilos construída segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista. A tolerância discursiva é o outro lado da pluralidade metodológica" (SANTOS, 2008, p. 78-79).

Ainda que o saber produzido pelo cientista esteja pautado por um conjunto de critérios que lhe garantam validade, na percepção do autor existem outros parâmetros que podem trazer legitimidade para as demais formas de conhecimento. Nas palavras de Santos (2002), deve-se adotar uma ecologia de saberes que permita superar a monocultura do conhecimento científico e que abra espaço para outros critérios de rigor, produzidos em contextos e práticas sociais não aceitos pela razão dominante.

Mas, a partir da rejeição a esta multiplicidade de discursos, surgiram as figuras dos ignorantes especializados e dos ignorantes generalizados (SANTOS, 2008, p. 88-89). No primeiro caso tem-se o pesquisador, cuja qualidade técnica a respeito de um determinado assunto, bem como dos procedimentos metodológicos é de alto nível. Entretanto, no que concerne a outras temáticas, este sujeito não é capaz de deter as mesmas qualificações. Por outro lado, a segunda opção representa o cidadão comum que acaba por não deter domínio aprofundado sobre qualquer assunto.

Essa discussão acaba por influenciar as instituições de ensino superior, porque são elas que produzem a maior parte da ciência. Portanto, "é preciso repensar a universidade no contexto de suas políticas e formas de produção e distribuição do conhecimento" (CUNHA, 2016, p. 89).

Todavia, a partir de Santos (2002; 2007; 2008), fica claro que a racionalidade do cientista extrapolou os limites da academia, ou seja, existem consequências em se aceitar os critérios de validade do conhecimento científico que não se limitam a simplesmente classificar alguma coisa como ciência. Dessa maneira, discute-se o que efetivamente é considerado relevante ou descartável para a sociedade.

Sendo assim, o paradigma emergente, enquanto contraposição do paradigma dominante, está no centro do debate a respeito da emancipação e das instituições educacionais. Santos (2007) destaca que é natural para uma ecologia de saberes constituir-se de perguntas constantes e respostas incompletas, pois é daí que surge o seu caráter prudente. Para ao autor, é nesse exercício de autorreflexão que se encontra a melhor opção para lidar com "a nova e mais insidiosa versão do pensamento abissal identificada neste trabalho: a constante ascensão do paradigma da apropriação/violência no interior do paradigma da regulação/emancipação" (SANTOS, 2007, p. 33).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificou-se que para Boaventura Santos (2008) existe um paradigma visto como dominante na sociedade, pois conseguiu se impor como o mais importante modelo de racionalidade. Entretanto, o filósofo defende que esta espécie de razão está longe de compreender a complexidade do mundo, ao mesmo tempo em que perdeu a sua capacidade de ser autocrítica e de representar a busca pela felicidade dos seres humanos. É vista como autoritária, pois não reconhece a pluralidade de interpretações possíveis e tampouco assume que outras formas de conhecimento possam ter a mesma validade que ela possui.

Sob outra perspectiva, foi possível perceber que a ciência pode se tornar uma das lentes pelas quais interpretar a realidade, devendo se misturar a outros saberes. Ela precisa recuperar a sua essência crítica, voltando a questionar o seu próprio papel para a sociedade. Cabe ao cientista se colocar na posição de autor, cuja obra representa o seu reflexo. Não há pesquisador separado do resultado de seus estudos. Ele é um intérprete como os demais, embora suas técnicas de interpretação sejam mais específicas e sistematizadas.

O paradigma emergente representa uma alternativa, cujo fundamento está em perceber que a racionalidade humana se expressa de diversas maneiras. Neste sentido, seria adequado permitir que outras formas de conhecimento pudessem colaborar com o conhecimento científico. Ademais, a partir deste encontro, poder-se-ia estimular a emancipação das pessoas por meio de novas formas de expressão que estão além (ou aquém) dos métodos.

Em uma ecologia de saberes, haverá espaço para que se reconheça o valor da pluralidade e da dúvida, uma vez que práticas sociais alheias ao ambiente acadêmico também são dignas de participarem de um debate. Outrossim, a pluralidade possui a habilidade de saber-se limitada e incompleta, mesmo diante da certeza.

REFERÊNCIAS

CERVO, A. BERVIAN, P. A. SILVA, R. **Metodologia científica.** 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CUNHA, M. I. Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. **Em Aberto,** Brasília, v. 29, n. 97, p. 81-101, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista crítica de ciências sociais,** [SL], v. 78, p. 3-46, 2007.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais,** [SL], v. 63, p. 237-280, 2002.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.